

## Algumas reflexões sobre a realidade arqueológica e cultural associada à escrita do Sudoeste

### *Some Reflections on the Archaeological and Cultural Background of the Southwestern Palaeohispanic Script*

Amílcar Guerra 

UNIARQ e Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa  
aguerra@edu-ulisboa.pt

**Resumo:** Apesar da escassez de informação sobre os contextos arqueológicos da escrita do Sudoeste, dispomos de dados que nos permitem caracterizar esta realidade. Parece clara a associação dos vestígios epigráficos tanto a necrópoles “de cistas”, como as que se associam a *tumuli*. Ao contrário, estas manifestações epigráficas não ocorrem no universo funerário “de recintos” nem nas deposições em fossa “orientalizantes”. Reconhecendo a diferença entre a cultura material do território das estelas epigrafadas e outras áreas, refletida igualmente nos contextos de habitat, tecem-se algumas considerações de natureza cultural sobre esta dicotomia. Juntando os dados arqueológicos com a informação dos textos clássicos, questiona-se a associação entre esta escrita e os Cónios e prefere-se a sua relação com os Célticos.

**Palavras-chave:** Idade do Ferro; Necrópoles; Língua, Cónios; Célticos

**Abstract:** Despite the scarcity of information on the archaeological contexts of Southwestern script, sufficient data exist to allow some characterisation of this phenomenon. The epigraphic remains appear clearly associated both with “cist” cemeteries and with those linked to *tumuli*. By contrast, such epigraphic manifestations are absent from the “enclosure” funerary universe and from the “Orientalising” pit burials. Acknowledging the differences between the material culture of the territory of the inscribed stelae and that of other areas—also reflected in settlement contexts—some cultural considerations are drawn regarding this dichotomy. Combining archaeological evidence with information from classical sources, the traditional association of this script with the Conii is questioned, and a stronger connection with the Celts is preferred.

**Keywords:** Iron Age; necropoleis; language; Conii; Celts

**Recibido:** 14.07.2025 | **Aceptado:** 24.09.2025



## Preâmbulo

Reina ainda alguma indefinição sobre a denominação das manifestações epigráficas pré-romanas registadas no Sudoeste da Península Ibérica. E esse problema resulta, desde logo, da amplitude cronológica destas inscrições, estendendo-se desde os mais antigos grafitos, que remontam pelo menos ao séc. VII a. C. ou até à centúria anterior, e se prolongam até ao advento da presença romana, como é o caso da legenda das moedas de Alcácer do Sal.

No entanto, neste texto ocupamo-nos apenas de um segmento muito concreto das manifestações epigráficas pré-romanas do Sudoeste, o que é especificamente designado como “escrita do Sudoeste”, cujos vestígios mais comuns correspondem a estelas.<sup>1</sup> Ficam, portanto, excluídas outras manifestações similares que muitas vezes se confundem com ela.

A primeira é a que alguns autores têm designado como a primitiva escrita tartéssica, correspondente a um antigo sistema (primitivo ou não, segundo os modelos)<sup>2</sup> desenvolvido no Sul da Península Ibérica. Infelizmente ainda se encontra muito mal caracterizada, mas é possível conjecturar que a ele pertencem os mais antigos grafitos conhecidos nesta região. Também se excluem os vestígios que recentemente J. Ferrer i Jané (2020, 1004-1005; 2021) denominou como “escrita turdetana”.

Para além destas, oferecem algumas dificuldades para a sua caracterização alguns vestígios mais tardios, correspondendo habitualmente a textos muito breves, quase sempre gravados em suporte cerâmico, que devemos considerar de atribuição incerta. Pela sua diversidade e considerável dispersão geográfica não é possível garantir que todos tenham na base o mesmo sistema de signos. Podem talvez incluir-se no que J. Ferrer i Jané (2020, 971, 998-999; 2021, 69-70) classifica e mapeia como “escrituras meridionales no identificadas”. Do ponto de vista cronológico situam-se entre os séc. VI e I a. C. Nesta categoria de classificação incerta se devem incluir, a meu ver, as legendas da ceca de Alcácer que se atribuem ao uma fase já romana, de período republicano.<sup>3</sup>

---

1 Na realidade, por razões que abaixo se indicam, a nossa análise abarca um âmbito geográfico bem restrito, sensivelmente igual ao que J. Ferrer i Jané (ultimamente 2021, Fig. 1; 2022) delimita cartograficamente com esse nome, circunscrevendo-a ao Sul de Portugal. Não quer isto dizer, naturalmente, que os achados enquadráveis na escrita do Sudoeste se integrem todos nesse espaço.

2 Sobre estes v. uma recente síntese em Ferrer 2020, 974-979.

3 Recentemente J. Ferrer i Jané (2021, 72-75) propôs integrar estas legendas monetárias na escrita turdetana, com base numa eventual afinidade formal entre S70, um controverso elemento que inicia algumas sequências, mas ausente em muitas delas, com o S65.

O que está em causa, neste trabalho, é a caracterização de alguns aspectos relacionados com o enquadramento cultural do que designamos, em sentido restrito, como escrita do Sudoeste. Para a sua definição usaremos as características apontadas por Jürgen Untermann, para uma realidade que ele apelidava de escrita “tartéssica” (Untermann 1997, 138-141).<sup>4</sup> Isto é, manifestações epigráficas pré-romanas do Sudoeste hispânico, geralmente apostas em estelas,<sup>5</sup> com um sistema de signos com algumas especificidades e que apresentava como particularidade a redundância.

Como se sabe, os seus vestígios concentram-se especialmente no Sul do Alentejo e no Algarve, ainda que a sua dispersão seja substancialmente mais ampla, indo desde a Andaluzia às províncias de Badajoz e de Cáceres. Como se incide em particular, neste texto, no enquadramento arqueológico destas manifestações com um certa coerência, os achados de território espanhol não serão aqui considerados.<sup>6</sup>

---

4 Corresponde, no essencial, ao critério que J. de Hoz (2010, 608-609) assume, neste caso adicionando os mais recentes achados.

5 Foi já justamente sublinhado que a utilização abundante de suportes pétreos, diferentes de outras práticas em realidades de escrita no SO, se deve a um “processo secundário e endógeno” (Valério 2016, 143).

6 A estela de Capote não possui um contexto arqueológico relevante, uma vez que se encontrou num amontoado de pedras que podem pertencer a estrutura tumular que não aparenta ser coetânea (Berrocal Rangel 1987, 61). A de Siruela, Cáceres, foi reutilizada como suporte de inscrição romana (Beltrán Llóris 1973-74). A de Cañada Honda (Majada Honda em Domínguez, González e de Hoz 2005, 53-54), Cabeza del Buey, sobre estela decorada do Sudoeste, parece não ter uma relação conhecida com realidade arqueológica (aparece à beira da estrada de La Golondrina) [https://www.estelasdecoradas.es/paginas/cabeza\\_buey\\_IV.php](https://www.estelasdecoradas.es/paginas/cabeza_buey_IV.php), consultado em 18/03/2025. A de Almorquí provém do castro com o mesmo nome, sobre o qual os dados são muito escassos (Martín Bravo 1999, 92; Jiménez Ávila 2021, 179). A de Villamanrique de la Condesa corresponde a um achado ocasional, ocorrido num sítio arqueológico ainda mal conhecido, desconhecendo-se o seu contexto preciso (Correa 1978, 207-208) e sendo muito vagas as informações de que dispomos (Jimenez Ávila 2021, 167). A estela de Alcalá del Rio, conhecida desde o século XVIII e atualmente perdida, foi inicialmente descrita por Pérez Bayer, não tendo uma relação minimamente clara com os vestígios da Idade do Ferro existentes nas proximidades do achado (Jiménez Ávila 2021, 167). Assinale-se, enfim, que as inscrições de Cañamero (Hernández 1972) e do Cerro de la Barca, Valdecaballeros, Badajoz (Pastor González e Rubio Andrada 2003; Polo y Valenciano 2011) correspondem a um sistema de escrita não redundante e, por isso, não se incluem no que estritamente se considera escrita do Sudoeste. Ao contrário, conhece-se bem o contexto da estela de Medellín, reutilizada na estrutura da sepultura 86H/12 (Almagro-Gorbea 2004, 14) e integrada na necrópole “orientalizante” desse importante sítio. Trata-se, pois de um contexto muito distinto do das estelas do território meridional português.

Parece claro que, neste caso, tenhamos de proceder a uma verdadeira análise estratigráfica, separando as diferentes camadas, que deverão ter uma componente cronológica e uma outra geográfica, com implicações territoriais e culturais. Essa tarefa, no entanto, não se afigura simples, uma vez que lidamos com uma realidade muito diversa e, em tantos casos, representada por escassos vestígios que, em boa parte, se limitam a grafitos de muito reduzida dimensão. A única verdadeira excepção é constituída pelas inscrições apositas nas estelas às quais se aplica, especificamente, a designação de “escrita do Sudoeste”. É neste sentido que usamos aqui essa expressão, esquecendo que muitas vezes se amplia o seu âmbito a todas as manifestações epigráficas pré-romanas registadas no quadrante sudoeste da Ibéria.

Sobre esta realidade temos dados arqueológicos mais substanciais, ainda que se possa lamentar a escassez dos nossos conhecimentos, tópico que faz parte integrante do discurso científico. São esses dados que nos permitem dizer algo sobre a cronologia das estelas epigrafadas e sobre o seu enquadramento cultural. Sobre esse aspecto, este contributo não tem nada de novo, uma vez que se limita a recolher a informação bem conhecida sobre a caracterização desta realidade arqueológica.

Esta comunicação, no entanto, aventura-se por um caminho mais complexo, o de relacionar as evidências arqueológicas com o que sabemos das realidades culturais do Sudoeste, com expressão nos povos documentados nas fontes literárias. Esta ousadia tem uma razão de ser: o facto de a arqueologia apresentar facetas muito contrastantes nesse amplo território e de evidenciar, no caso específico do território típico das estelas, uma fácies muito particular.

## **1. O contexto arqueológico das estelas epigrafadas: breve excuroso diacrónico**

---

Frei Manuel do Cenáculo, uma figura pioneira na identificação destes monumentos inscritos, chegou a deixar bem expressa a vontade de explorar os vestígios em que eles apareciam.<sup>7</sup> No entanto, que se saiba, nunca chegou a levar para a frente essa intenção e tivemos de esperar quase um século para que Estácio da Veiga e Santos Rocha levassem a cabo explorações numa das

---

7 “Nestes sítios havemos achado lapides sepulcrais de caracteres Fenícios ou Turdetanos, e com ellas estoques longos sem gume, e feitos de aço e cobre bem calcinado com punho pouco engrossado, e virote chato, pequeno, e que fôrma huma espécie de orelhas que não póde não ser da mais remota antiguidade. Quando o tempo permitta deste ocio se farão curiosas explorações neste sitio” (Cenáculo 1791, 385).

mais paradigmáticas necrópoles associadas a estas estelas. De facto, a Fonte Velha de Bensafrim, Lagos, foi intervencionada nos finais do século XIX, por várias vezes, tendo as primeiras inscrições sido noticiadas por Estácio da Veiga, que tinha escavado em dois pontos distintos, ambos pertencentes ao sítio que designou por Fonte Velha ou Selões da Mina (“Solões da Mina”, segundo Veiga, 1891, 250), a pouca distância de Bensafrim.<sup>8</sup>

Mais tarde o mesmo sítio suscitou a atenção de António dos Santos Rocha que retomou aí os trabalhos, com a colaboração de António José Nunes da Glória, prior da aldeia.<sup>9</sup> O arqueólogo figueirense é mais rigoroso nos seus trabalhos, ou pelo menos na documentação que deles fornece e, ao mesmo tempo, identifica a mais notável estela dessa necrópole e uma das mais destacadas das que se conhecem no Sudoeste (J.1.1).

De resto são muito raras as estelas identificadas no séc. XIX que resultaram, de algum modo, de um processo de escavação e cujo contexto arqueológico conheçamos. No final do século Leite de Vasconcelos (1899-1900) dá uma breve notícia de uma inscrição com escrita pré-romana, recolhida em Alagoas, Loulé, associada a uma sepultura, constituída por quatro grandes lajes.

Tanto nesta centúria como na primeira metade do séc. XX não são significativas as intervenções em estruturas funerárias com características similares, ocorrendo mais frequentemente os achados epigráficos isolados.<sup>10</sup> Esta situação perdura ainda por cerca de duas décadas, uma vez que os monumentos recolhidos por Fernando Nunes Ribeiro (Gomes 2018, 37) também não foram acompanhados por escavação. Coube a Caetano Beirão o mérito de levar a cabo, com persistência, um plano de escavação num número considerável de sítios em que ocorreram estelas no local ou nas suas proximidades.<sup>11</sup>

Entendeu ainda que uma compreensão mais ampla do contexto arqueológico da escrita do Sudoeste implicava também o reconhecimento dos povoados, com os quais as necrópoles se podiam relacionar. Parece evidente

---

8 Sobre estes trabalhos e os problemas da identificação dos lugares precisos da intervenção de Estácio da Veiga v. Veiga 1891, 250–253; Rocha 1896, 129–130; Correia 1995, 250; Pereira 2014, 370–373.

9 Rocha 1896, 131.

10 Sobre estes achados e a investigação desenvolvida neste período v. Gomes M. V. 2018, 27–37.

11 Gomes M. V. 2018, 38–44. Os resultados foram difundidos em diversas publicações, em parte citados a seguir, e sintetizados em Beirão 1986.

que o modelo de Fernão Vaz constitui para ele um paradigma que importava reproduzir. No entanto, não foram muitos os casos em que ele escavou as duas realidades em simultâneo.

Deste modo, dedicou um largo período da sua vida a este projecto, trabalhando em colaboração com diversos arqueólogos, constituindo um elenco de intervenções substancial, com resultados muito significativos. Por um lado, os seus trabalhos incidiram em necrópoles onde se identificaram estelas: Abóbadá (J.12.1; Dias e Coelho 1971; Correia 1993, 366; Arruda 2001, 270; Barros, Melro e Gonçalves 2013; Jiménez Ávila 2021, 155), Pardieiro (J.15; Beirão 1990a; Correia 1993; Arruda 2001, 270-272, Jiménez Ávila 2021, 154.155; ); Fonte Santa (J. 16.2; Beirão 1986, 65-79; Correia 1993; Gomes 1992; Arruda 2001, 257-260; Jiménez Ávila 2021, 154), Penedo (J.16.5; Beirão 1986, 47; Correia 1993; Arruda 2001, 262), Biscoitinhos (J.16.7; Correia 1993, 365; Arruda 2001, 248; Jiménez Ávila 2002-2003, 100) e Mealha Nova (J.18; Dias, Beirão e Coelho 1970, 191; Beirão 1986, 61-63; Correia 1996, 110; Arruda, 2001, 242-247; Jiménez Ávila 2021, 151-152), Herdade do Pêgo (J.19; Dias, Beirão e Coelho 1971; Beirão 1986, 61-63; Correia 1993; Arruda 2001, 262-268; Jiménez Ávila 2021, 152-153), Carapetal (J.16.6; Beirão 1986, 53 e 132; Correia 1993, 360; Arruda 2001, 249-250; Jiménez Ávila 2002-2003, 100); Mestras (J.10; Beirão, 1986, 130; Correia 1993, 360; Jiménez Ávila 2002-2003, 99)

Para além destas, foram escavadas (total ou parcialmente) necrópoles sem relação com estelas, mas proporcionando elementos que permitiram uma proposta de cronologia. Entre as que apresentam resultados mais significativos podem enunciar-se Favela Nova (Correia, 1993, 359, 366; Dias e Coelho, 1983; Arruda, 2001, 260-261), Chada (Beirão 1986, 80-102; Gomes 1992, 149-150; Arruda 2001, 250-256; Jiménez Ávila 2002-2003, 100), Vaga da Cascalheira (Beirão 1986, 105; Beirão e Correia 1990, 295) e Cerro do Ouro (Correia 1993, 365; Arruda 2001, 249; Gomes 2002; Jiménez Ávila 2002-2003, 100).

Menos relevante, pela escassez de elementos conhecidos, se revelam as necrópoles de Monte Coito (Beirão, 1972; Correia 1993, 365; Arruda 2001, 242; Jiménez Ávila 2002-2003, 102), Monte S. Luís (Correia 1993, 365; Arruda 2001, 268; Jiménez Ávila 2002-2003, 102); Pêgo da Sobreira (Correia 1993, 359, 366; Arruda 2001, 241; Jiménez Ávila 2002-2003, 102). Em alguns casos identificaram-se estelas associadas a possíveis estruturas, mas não se procedeu a uma escavação no local, como aconteceu em Arzil (J.21) e Nobres (16.1) (Arruda 2001, 250).

O panorama é muito mais pobre no que toca aos habitats correspondentes a estas necrópoles, pelo menos no que respeita à cronologia em que se enquadra este trabalho (séc. VI e V a. C.) e aos locais cujos resultados foram publicados.<sup>12</sup> De facto, apesar de se terem identificada uma série de locais que poderão incluir-se nesta categoria, Caetano Beirão e os seus colaboradores fizeram escavações unicamente num número reduzido e apenas Fernão Vaz proporciona informação relevante (Beirão, 1972, 1986, 103-122; Beirão e Correia, 1990, 1991; Arruda 2001, 214-221; Correia 2007). Nesta vertente não-funerária sobressaem os trabalhos de Maria e Manuel Maia, especialmente os que foram levados a cabo na área de Neves-Corvo, que se revestem do maior interesse (Maia e Correa 1985; Maia, M. G. P. 1987, 1988, 2008).

Em fase mais recente deve assinalar-se a actividade arqueológica desenvolvida no âmbito do projecto ESTELA, que permitiu a identificação, para além da estela da Corte Pinheiro (Melro *et al.* 2009, 354; Guerra 2009, 329-331), um conjunto significativo de novos vestígios arqueológicos.<sup>13</sup> No que respeita às áreas de habitat assinala-se especialmente a Portela da Arca (Barros, Melro e Gonçalves 2013, 1160; Guerra, Barros e Cortes 2021, 132-133), sítio que se chegou a relacionar com a necrópole da Abóbada (Guerra, Barros e Cortes, 2021, 132-133), juntando alguma informação ao pouco que sabemos sobre este tipo de sítios. Em momento recente realizaram-se escavações nas necrópoles associadas às estelas de Corte Pinheiro e Vale dos Vermelhos, mas os seus resultados encontram-se ainda inéditos.<sup>14</sup>

## **2. A realidade arqueológica associada a estelas: uma breve síntese**

Os nossos conhecimentos, como se viu, resultam especialmente da escavação de um número significativo de necrópoles. Resulta claro que, na área de distribuição destes materiais epigráficos, os enterramentos, por via da regra em cistas, os em estruturas tumulares, constituindo os dois grupos<sup>15</sup> de enterramentos associados à escrita do Sudoeste.

---

12 Sobre o assunto v. Arruda 2001, 210-213; Jiménez Ávila 2002-2003, 94.

13 Assinalamos especialmente a existência de *tumuli* associados às estelas de Corte Azinheira (Melro *et al.* 2009, 353-354) e de uma necrópole, para além de uma epígrafe, em Corte Pinheiro (Merlo *et al.* 2009, 354).

14 Agradeço especialmente a Susana Estrela a informação essencial sobre estas duas necrópoles, de que se aguarda para breve a sua publicação.

15 Para a definição destes grupos v. especialmente Gomes F. B. 2021a, 97-99.

O grupo das necrópoles de cistas foi o mais precocemente registado, graças aos trabalhos pioneiros, já referidos, de Estácio da Veiga na Fonte Velha de Bensafrim, Lagos e Cômoros da Portela, Silves (Veiga 1891, 285-286) e também aos de Santos Rocha no primeiro destes sítios. Estruturas similares foram mais tarde identificadas no Corte de Père Jacques, Aljezur (Formosinho 1935; Viana, Formosinho, Viana, Ferreira 1953, 116; Gomes 2021b, 94-96) e Alagoas, Loulé.<sup>16</sup> Em todos os estes sítios se recolheram estelas com escrita do Sudoeste. Este tipo de necrópoles foi igualmente registado num território onde esta mesma manifestação epigráfica é habitual, mas onde não se verificou o aparecimento de vestígios epigráficos, como a necrópole de Gregórios, Silves (Barros *et al.* 2005), Cabeço da Vaca, Alcoutim (Cardoso e Gradim 2006; 2008) e Corte Margarida, em Aljustrel (Deus e Correia 2005). Fora do território tradicionalmente associado a estes monumentos epigráficos documentam-se enterramentos em cistas deste período em áreas bastante afastadas do território das estelas, como na Herdade do Gaio, Sines, conhecida pelo famoso tesouro (Costa 1967; 1972) e em Vale da Palha, Sesimbra (Arruda e Cardoso 2015). De quanto é possível concluir das publicações relativas aos resultados de investigação, trata-se, em todos os casos, de sepulturas em que se praticaram rituais de inumação.

Quanto ao segundo tipo de estruturas funerárias, o seu número é mais abundante, sendo também mais frequente a sua associação com uma componente epigráfica. Devida à intensa actividade desenvolvida por Caetano de Melo Beirão nessa área, os casos ocorrem muito especialmente na região de Ourique, mas a sua difusão é mais ampla (v. Mapa).

Ainda que as soluções arquitectónicas concretas deste tipo de túmulos sejam diversificadas, apresentam todas elas um ar de família e não suscita dúvidas a sua integração num mesmo modelo de estruturas sepulcrais. Diverso é, no entanto, o “ritual” documentado, uma vez que a cremação e a inumação se encontram ambas atestadas (Beirão 1986, 49; Correia 1993, 355-356; Arruda 2001, 269-270; Gomes 2021a, 99).

Uma outra vertente caracterizadora deste universo prende-se com os espólios que acompanham estas sepulturas. Tendo em consideração que a ori-

---

16 A informação sobre esta sepultura em que a estela se encontrava foi transmitida por Leite de Vasconcelos (1900, 40) e é muito sumária: “uma sepultura rectangular, com pedras postas de cutello, a qual tinha á cabeceira, a pino, uma lápide que foi quebrada /.../”. Esta descrição levou V. H. Correia (1996, 86) e J. Jiménez Ávila (2021, 156 e 160), a incluí-la nesta categoria de necrópoles.

gem do sistema de signos usado nestas estelas remonta seguramente à escrita fenícia, pensou-se que os materiais arqueológicos reflectiriam uma cultura integrada claramente nesse mundo “orientalizante”. No entanto, talvez uma das marcas mais características dessa área se manifeste no cunho mais tipicamente local de boa parte do espólio que acompanha os defuntos ou ocorre nos povoados que a eles se podem associar, de forma também muito significativa, na sua reconhecida pobreza (Arruda 2001, 283; Gomes 2021a, 99) em comparação com os sítios de referência da área tartéssica. Para sublinhar esta faceta creio que o exemplo mais sugestivo se encontra no chamado povoado de Fernão Vaz, onde a cerâmica aí identificada é, na sua grande maioria (82,3%), produzida sem auxílio do torno (Beirão e Correia, 1994, 288), situação que contrasta fortemente com a realidade de sítios do litoral algarvio, como Castro Marim<sup>17</sup> ou Tavira.<sup>18</sup>

Apesar disso, habitualmente, alguns objectos de prestígio de origem exógena se associam a essas estruturas, em especial contas de colar de pasta vítrea, escaravinhos, fíbulas, elementos de cinturão, cerâmicas decoradas e, excepcionalmente, objectos em ouro. Todos estes elementos se integram, por via da regra, no que se considera a panóplia de marca “orientalizante”. Deste modo, para definir este quadro cultural se adoptaram terminologias que identificavam estes territórios como áreas “periféricas”, “marginais” desse mundo “orientalizante” (Arruda 2001, 283).

Penso que pode olhar-se a questão de outro ponto vista. Na realidade, os dados arqueológicos põem mais em evidência o contraste, no plano arqueológico, entre a área tartéssica e o território da escrita do Sudoeste do que algo que poderia constituir uma zona marginal desse universo cultural. Estamos perante comunidades cujos elementos da cultura material são muito diferentes, mas geograficamente conexas. Por isso podem ser mais evidentes alguns elementos exógenos no território da escrita do Sudoeste, mas essa ocorrência é lógica: tanto o litoral algarvio, especialmente no Sotavento, como no Baixo Vale do Guadiana são territórios que, confinando com os da escrita do Sudoeste, tornam mais fáceis os contactos, estimulando o intercâmbio cultural

---

17 A cerâmica manual das fases cronologicamente correspondentes deste sítio (Fases IV e V) representam, respectivamente 20% e 11% (Oliveira 2007, 105 e 119).

18 Embora careçamos de análises do conjunto cerâmico pré-romano de Tavira, podemos constatar a escassez de cerâmica manual, por exemplo, na intervenção levada a cabo na Bela Fria (Covaneiro, Cavaco e Freitas, 2012-2013) ou na necrópole do Convento da Graça (Arruda, Covaneiro e Cavaco 2008).

e de objectos.<sup>19</sup> Essa proximidade explica melhor o facto de a escrita ter sido adoptada num território que, no plano arqueológico, dificilmente se pode definir como tartéssico.

### 3. Outras realidades do Sul do Alentejo e do Algarve

Considerando especificamente as necrópoles e olhando as zonas do Sul do Alentejo e Algarve onde não se dispersa a escrita do Sudoeste, identificam-se duas realidades bem distintas. Em primeiro lugar, a norte, destacam-se os designados enterramentos “com recintos” (Gomes 2021a, 99-100), uma realidade que, nas últimas décadas, marcou a arqueologia funerária da Idade do Ferro nos territórios envolventes de Beja (Santos *et al.* 2009; 2016; Salvador Mateos e Pereira 2012; 2016; Arruda *et al.* 2017a; 2017b; Soares *et al.* 2016; Figueiredo e Mataloto 2017; Pereiro, Mataloto e Borges 2016; Calvo Rodríguez e Simão 2016; Bargão e Fernandes 2016; Melo *et al.* 2022).). Estas manifestações, cuja difusão se inscreve numa área relativamente circunscrita, apresentam uma considerável uniformidade: correspondem, por norma a conjuntos de inumações em estruturas negativas cavadas na rocha e que parecem ser bem delimitadas, como se fossem enquadradas em recintos funerários. Para a sua caracterização contribuem ainda os ricos espólios importados<sup>20</sup> que lhes estão associados, a par de produções cerâmicas e metálicas de evidente cunho local. A sumptuosidade de alguns destes materiais parece contrastar com uma certa pobreza dos que se registam nas necrópoles de *tumuli* (Arruda 2001, 283).

Outra realidade corresponde aos enterramentos em urnas depositadas em fossas, que se identificam especificamente nas áreas litorais,<sup>21</sup> incluindo nelas o caso de Mértola cuja acessibilidade por via fluvial a torna comparável aos sítios costeiros. Infelizmente os dados relativos a estes ambientes são ainda mal conhecidos e em reduzido número, sobrelevando, a par de Mértola (Rego, Guerrero e Gómez 1996; Barros 2008; Miguel *et al.* 2019), o conjunto de intervenções arqueológicas realizadas em contextos sepulcrais de Tavira, especificamente no Palácio da Galeria (Maia 2003, 68; Gomes 2012, 34-38; Gomes 2016, 353-357) e no Convento da Graça (Arruda, Covaneiro e Cavaco,

19 Parece estas duas vias (Sotavento algarvio e Vale do Guadiana) me parecem mais relevantes para a transmissão da escrita a partir da área tartéssica, mais viável que através da Faixa Piritosa Ibérica (Valério 2016, 142).

20 Sobre a origem oriental, e em alguns casos especificamente egípcia, de alguns vidros e escaravinhos da Vinha das Caliças, v. Costa *et al.* 2019, 2021; Lončarić *et al.* 2024.

21 Uma síntese em Gomes F. B. 2014-2015, 48-51.

2008; Gomes 2016, 357-361).<sup>22</sup> Estes enterramentos, em fossa, correspondentes a cremações, proporcionaram algumas urnas “Cruz del Negro”, que se têm associado à presença de populações orientais (Arruda, Covaneiro e Cavaco, 2008, 157-158; Gomes 2016, 360; 2018). A existência, neste período, de importantes núcleos de habitat com sinais de uma forte marca “orientalizante”, como acontece nos casos mais conhecidos de Castro Marim, Tavira e da própria Mértola, ainda que a nossa informação sobre este sítio seja mais limitada (Rego, Guerrero e Gómez 1996; Barros 2008, 407, 409; Barros 2013; Miguel *et al.* 2019), permite afirmar que a área litoral tem características muito próprias, onde a influência tartéssica se faz sentir de forma intensa.

Deste modo, parece claro que o fenómeno das estelas epigrafadas se associa a contextos arqueológicos distintos dos que oferecem as necrópoles “de fossa” “orientalizantes” e as “de recinto”, a que aludimos. Se sítios como os antes referidos se podem considerar integrados no mundo tartéssico, a área em que se difundem as estelas não apresenta características que permitam, no plano arqueológico, atribuir-lhe esse qualificativo. Essa é também uma razão pela qual é desajustado persistir em designar essa escrita como tartéssica.

Mas, se esta diferença se faz notar no universo funerário, muito mais acentuada é a diferença no que concerne aos habitats. Nas áreas correspondentes à dispersão das estelas, os espaços habitados são muito reduzidos, tendo evitado intencionalmente o termo “povoado” para os designar, uma vez que mais parecem estruturas destinadas a núcleos familiares do que a verdadeiros povoados. As estruturas mais complexas documentam-se na zona de Neves-Corvo, onde, a par de duas necrópoles vários núcleos de ocupação de natureza não-funerária, foram identificados (Maia 1986, 38). No entanto, a natureza de todos os núcleos desta área tem sido discutida. Embora os responsáveis pela sua escavação tenham definido as estruturas como multifuncionais - habitacional, de armazenagem e pecuária (Maia 1986, 32, 36, 38) - a função religiosa de um dos espaços de Corvo I foi já assinalada (Maia 1986, 36; Correa 1992, 81) e, em consequência, também a eventual natureza votiva de monumentos epigráficos (Maia e Correa 1985, 274; Correa 1992, 81). Tendo em conta alguns materiais vinculados com o Mediterrâneo Oriental cuja função é bem conhecida, A. M. Arruda (2005, 89-91; 2008, 312-315;) sustentou o cariz religioso deste conjunto. Esse aspecto pode explicar a especial concentração

---

22 Estas realidades podem colocar-se em paralelo com as necrópoles de Alcácer do Sal (mais recentemente Gomes F. B. 2016-2017).

de materiais exógenos, circunstância menos comum nos sítios associados à escrita do Sudoeste e que fazem do conjunto de Neves-Corvo um caso à parte.

Independentemente das questões terminológicas, na realidade pouco relevantes, e das funções específicas desses vestígios, importa sublinhar que estamos perante pequenos núcleos de ocupação que nada têm que ver com as complexas estruturas que encontramos em sítios como Castro Marim ou Tavira. Enfim, o território das estelas apresenta uma fisionomia particular, de cariz mais marcadamente local, contrastando precisamente com as áreas em que a marca fenícia e a fácies “orientalizante” se afirmam (Gomes 2021a, 103-104).

#### **4. À procura de uma interpretação histórico-cultural**

Chegados a este ponto, perguntamo-nos se esta dicotomia se pode ligar com o que se conhece da realidade geográfica e cultural destes territórios do extremo Sudoeste da Península Ibérica. Os problemas relativos ao território da escrita do Sudoeste e à sua caracterização cultural foram já tratados de uma forma exemplar e com grande exaustividade por Javier de Hoz (2010, especialmente 291-291, 310-317), como componente essencial para compreender a realidade linguística da Hispânia. Retomaremos aqui a análise de alguns aspectos particulares, em especial os que se relacionam com o espaço pelo qual se distribuem as estelas. Nos últimos 15 anos registou-se um significativo número de publicações sobre estes temas e creio que eles permitem repensar algumas das suas propostas.

Infelizmente as informações de que dispomos para um período compreendido entre o século VI e V a. C. são bastante limitadas e envolvem, muitas vezes, questões complexas e de solução pouco consensual. O caso mais problemático talvez seja o da *Ora maritima* de Avieno que fornece um conjunto de elementos relativos aos povos, a que alguns autores atribuíram uma grande antiguidade, compatível com a datação das estelas epigrafadas. A dependência de um suposto périplo massaliota, que remontaria a essa época e em que Schulten (1922, 4-10) tanto acreditava, está longe de ser hoje consensual.

De qualquer modo, os elementos que o seu poema reporta a respeito dos povos da região são bastante escassos e, de uma forma geral, pouco úteis para a análise desta questão. As referências aos Sefes e aos Cempsos, raras no quadro

das entidades étnicas da Hispânia, revelam-se pouco úteis para compreender o quadro étnico do Sudoeste (de Hoz, 2010, 315).

#### 4.1. Os Cónios / Cinetes

Mais relevante é a alusão aos *populi Cynetum*, ao *Cyneticum iugum* (Avien. ora 198) e aos Cinetes, por cujo território corre o rio Ana (Avien. ora 202), essa sim com ampla atestação nas fontes antigas e coerentemente reportada à área a que nos referimos acima, tratando os dados de natureza arqueológica e a sua dicotomia. A diversidade das formas que autores gregos e latinos nos reportam não tem obstado a que se considerem relacionadas com uma entidade,<sup>23</sup> referenciada como *Kynetes*, *Kynesioi*, *Konioi*, *Kouneoi*, *Conii*, e associada a um promontório ou território designado como *Kynetikon* e *Cuneus* (Guerra 1998, 373; Almagro 2008, 93; de Hoz, 2010, 252-253, Paniego 2022).

No quadro das atestações destes nomes nos textos clássicos assume uma particular importância o registo do termo *Kynetikon* em Estevão de Bizâncio, na sua compilação de nomes geográficos, *Ethnika*: “Cinético, lugar da Ibéria, junto ao Oceano. Herodoro, no décimo livro dos trabalhos de Héracles. Os seus habitantes são os Cinetes (*Kynetes*) ou Cinésios (*Kynesioi*)”. Ao remeter a ocorrência para um texto de Herodoro, situa a informação numa fase coetânea da escrita do Sudoeste, o que confere uma outra consistência às reflexões sobre a relação entre a informação literária e a escrita.

Estas referências conduziram à ilação de que os Cónios / Cinetes ocupavam todo o extremo Sudoeste entre o rio Ana e o cabo de S. Vicente e eram os responsáveis pelo desenvolvimento da escrita do Sudoeste.<sup>24</sup> Esta ideia tem longos e pesados antecedentes. Talvez o seu primeiro representante tenha sido Leite de Vasconcelos, que não relacionou apenas esta entidade étnica com o fenómeno da escrita pré-romana do Sul de Portugal, como leu o seu nome num grupo de monumentos.<sup>25</sup> Mas esta perspectiva consolidou-se particularmente na segunda metade do séc. XX (Schmoll 1961, 40-41; Maia 1986, 439; Gomes 1990, 54; Alarcão 1993-94, 43; 1996, 24). É certo que se deixou cair a leitura proposta pelo erudito português de uma sequência muito ha-

---

23 Alguns autores (Alarcão 1996, 21, 24-25; Gomes M. V.1992, 131), em contracorrente, têm sustentado que Cónios e Cinetes são entidades distintas.

24 Esta ideia foi mais extensamente desenvolvida por J. de Hoz (2010, 253, 292-294)

25 Sobre os Cónios enquanto entidade étnica, v. Vasconcelos 1930-31, 168-170; para a associação de uma sequência, identificada em algumas estelas, com os Cónios v. Vasconcelos 1927-1929, 207.

bitual nestas epígrafes, mas a relação com esse povo meridional continuou e até ganhou bastante força. A proximidade cultural entre Cónios e Tartéssios/Turdetanos parecia ajustar-se bem à adopção de uma escrita local baseada no alfabeto fenício e a uma cultura material pontuada, de forma mais ou menos evidente, por elementos de cunho “orientalizante”. Javier de Hoz reforçou esta perspectiva, sublinhando uma determinada lógica interpretativa (de Hoz 2010, 252-254, 292-294) que estava já presente nas propostas anteriores, reconhecendo, todavia, que o primitivo sistema se tinha desenvolvido num contexto tartéssico, e a partir dele se desenvolveu o da escrita do Sudoeste.<sup>26</sup>

A este ponto questionamo-nos se é legítimo, com os dados arqueológicos e os escassos elementos que se pode colher nas fontes literárias, estabelecer esta relação entre o povo e a escrita. Creio que, para isso, faz falta analisar bem os fundamentos que sustentam a hipótese de os Cónios ocuparem, nesta fase, o sul de Portugal e todo ou boa parte do território das estelas.<sup>27</sup>

Começemos pela análise das fontes e do seu contributo para este tema. Este tópico depara-se com o problema da falta de precisão das informações dos autores clássicos ou com as incertezas ou mesmo contradições a respeito de alguns dos seus dados. Seria importante, por exemplo, termos alguma ideia sobre a localização de uma cidade que parece corresponder a um dos seus núcleos mais importantes, *Conistorgis*.<sup>28</sup> Mas esta questão não é de modo nenhum consensual e só algum elemento excepcional poderá resolver a questão de forma inequívoca. Javier de Hoz (2010. 310-317) sintetiza bem os argumentos que sustentam a ideia geralmente aceite de que os Cónios são populações com uma estreita relação com Tartessos, cujas marcas na cultura material se podem sentir, com maior ou menor intensidade no sul de Portugal. Penso que esta perspectiva é, no essencial, correcta, mas parece-me que esta relação entre a área das estelas e os Cónios suscita muitos problemas, especialmente de natureza arqueológica.

Temos de olhar de novo para a dicotomia, no plano arqueológico, a que acima se aludiu, tendo em especial atenção a realidades funerárias meridio-

26 Nesta mesma linha Jordán Cólera 2024, 52. Uma atitude mais céptica sobre a possibilidade de relacionar o mundo das estelas do Sudoeste com os Cónios ou qualquer outro povo pode ver-se em Correia 1997; Luján 2020, 563.

27 Pelos argumentos que abaixo invocarei, está completamente fora de causa a ideia de que os Cónios se encontrem no Vale Médio do Guadiana e que *Conistorgis* corresponda a Medellín como em Alarcão 2001, 335-338; Almagro Gorbea 2008.

28 A sua localização continua a ser problemática, apesar de algumas propostas concretas, como a hipótese de identificação com Medellín (Almagro-Gorbea 2008).

nais, mas podemos igualmente juntar os dados relativos aos habitats. Procurando não ultrapassar o séc. V a. C. nesta análise, parece claro que os vestígios materiais de um presença de cunho oriental, evidenciando uma relação com fenícios e o mundo tartéssico, se manifesta especialmente no litoral algarvio, em particular em Castro Marim e Tavira,<sup>29</sup> como também nos baixos vales do Tejo, do Sado e do Guadiana. Outros sítios costeiros do Algarve, integrados num ambiente cultural já diferente, proporcionaram elementos de cronologia mais avançada, a partir dos finais do séc. V – inícios do IV a. C., correspondente a uma fase em que as estelas tinham desaparecido: Faro, Vila Velha de Alvor, Cerro da Rocha Branca,<sup>30</sup> Monte Molião (Arruda 2007b, 126). Alguns destes lugares correspondem a habitats cujos nomes pré-romanos se conhecem bem: *Ossonoba*, *Ipsa*, *\*Cil(i)pa/\*Cil(i)ba*<sup>31</sup> e *Laccobriga*.<sup>32</sup>

Se procurarmos um traço de ligação entre todos estes sítios, acabamos inevitavelmente na *Geografia* de Ptolomeu, obra que, de uma forma que parece surpreendente, em particular para quem espera uma continuidade territorial nestas circunstâncias, junta sob a designação de Turdetanos um território aparentemente fragmentado, que engloba a costa algarvia, especialmente o Sotavento<sup>33</sup> (*Balsa*,<sup>34</sup> *Ossonoba*) e o Baixo Vale do Guadiana (*Myrtilis* e *Pax Iulia*) e o vale do Sado (*Salakeia*, *Kaetobrix*). Como tem sido sublinhado, este agrupamento de cidades e a afinidade da sua cultura material, especialmente no que se refere à sua afinidade com o território costeiro da Andaluzia, é evidente e, por isso, não parece desadequada a designação colectiva que lhes dá

29 Alguns resultados de sondagens geológicas parecem indicar que também Lagos se deveria acrescentar a esta lista (informação oral de Helena Morán e Rui Parreira).

30 Estes três primeiros nomes pré-romanos integram-se bem na toponímia tartéssico-turdetana (de Hoz 2010, 327-328).

31 Creio que as informações do papiro de Artemidoro, onde se registam as formas *Ipsa* (V.32) e *Kilibe* (V.34), a primeira das quais se encontrava já assim atestada na *Diuisio Wambae* (Catarino 2002, 33; Pereira 2018, 94), podem dar fundamento a que interpretemos as legendas monetárias correspondentes como formas adjectivais, respectivamente IPSE(n) S(e) e CILPE(n)S(e) ou algo similar, como já se chegou a admitir (Guerra 1998, 398-399, 421; de Hoz 2010, 328). Deste modo, poderia aceitar-se um topónimo que, na sua versão latina, seria *\*Cil(i)ba* ou *\*Cil(i)pa*, compatível com a toponímia da área tartéssico-turdetana [cfr. a hipótese de J. de Hoz (2010, 246; 466, n. 780) a respeito de *\*cil(i)b-*, eventualmente presente no topónimo turdetano *Lacilbula*].

32 Sobre a correspondência entre este sítio e a *Laccobriga* pré-romana v. Arruda 2007a, 19, 21.

33 Sobre esta mesma perspectiva v. especialmente Arruda 2005, 75.

34 É muito provável que este topónimo pré-romano corresponda a Tavira (Arruda 2007b, 123; Arruda, Covaneiro, Cavaco 2008, 145), o qual, em período romano, ganhou uma nova e próxima localização.

Ptolomeu, ainda que saibamos que o geógrafo compila a informação no séc. II d. C. A esta perspectiva, assente especialmente nos dados arqueológicos, podem igualmente adicionar-se os contributos de natureza linguística que identifica uma realidade meridional de natureza não indo-europeia (“turdetana” ou “tartésico-turdetana”), em nomes como *Os(s)onoba*, *Myrtilis*, *Baesuris*,<sup>35</sup> *Cil(i)pes*, *Ipses* e *Balsa*, segundo as suas formas que a tradição consagrou.

Há, por isso, um relativo consenso em aproximar os Cónios/Cinetes do Sul de Portugal do que vem mais tarde a ser integrado no âmbito turdetano ocidental, por mão do alexandrino, e tal também me parece ajustado face aos dados de que dispomos.

Ora este quadro cultural, como já se assinalou acima, contrasta com o território pelo qual se distribuem as estelas, com a mais notória excepção de Mértola, onde se identificou um monumento. Esta ocorrência, no entanto, não deve surpreender pela posição geográfica da cidade, que poderia fazer dela uma importante plataforma de contacto entre estas comunidades “litorais” e as populações do hinterland. Mas é patente que, com muito raras excepções as estelas ocorrem num território em que a cultura material patenteia um forte cunho local, com abundante cerâmica manual, mas também com alguns objectos de prestígio cuja origem se atribui ao contacto com comunidades do litoral.

Por isso me parece, especialmente pelos vestígios materiais que acompanham as estelas inscritas, mas também por outros indícios, como a toponímia, que a hipótese de se relacionarem estes monumentos com os Cónios deve ser reponderada.

#### **4.2. O quadro cultural do Alentejo meridional e do interior algarvio**

Como alguns autores têm sublinhado e como se disse *supra*, esta área apresenta particularidades que marcam um contraste entre este território e o litoral algarvio e os vales dos principais cursos de água do extremo Sudoeste. Entrando por um campo que certos autores têm evitado, o de relacionar esta especificidade cultural com uma ou várias entidades registadas nos textos clássicos, a hipótese de se tratar de populações célticas constitui a principal alternativa à interpretação acima reavaliada.

---

35 Sobre estes v., mais recentemente, Correa (2021, 367) que sublinha justamente que o facto de a toponímia do litoral ter afinidades com a realidade da Andaluzia não significa que o mesmo se possa estender ao interior.

Em primeiro lugar, a presença de Celtas no extremo Ocidente remonta pelo menos a Heródoto e, portanto, pode compagnar-se, cronologicamente, com a escrita do Sudoeste. Não creio que outras possibilidades, essencialmente os tão problemáticos nomes étnicos transmitidos por Avieno (*Saefes* e *Cemp-si*) possam ser relacionados com o espaço das estelas e com a sua cronologia. Pela própria natureza dos nomes, por terem sido transmitidos essencialmente por um autor cuja informação suscita tantas reservas,<sup>36</sup> estes nomes têm sido geralmente afastados, quando se trata de ponderar um enquadramento cultural da escrita do Sudoeste.

A informação de Heródoto a este respeito é breve, mas sugestiva: nas duas referências em que se citam os *Kynesoi* (2.33.3; 4.49.3),<sup>37</sup> que ele define como vizinhos dos celtas e ambos se encontram no ponto mais ocidental da Europa. Esta informação é relevante em dois aspectos: primeiro porque remonta ao séc. V a. C. e, portanto, pode considerar-se coetânea da realidade que estamos a analisar; depois sublinha essa proximidade, que reflecte igualmente uma diferença cultural entre as duas entidades. Creio que este último facto contribui para apoiar a ideia de que essa referência poderia responder à dicotomia de que falámos. Só em época mais avançada dispomos de informações mais precisas (como a identificação concreta de topónimos), podendo confirmar que boa parte desse território é ocupado por populações que são identificadas como célticas.<sup>38</sup> E, mais uma vez, é Ptolomeu que fornece dados mais precisos, associando uma entidade étnica a um conjunto de topónimos. É evidente que se pode argumentar que a realidade pode ter-se alterado de forma substancial, mas dispomos igualmente de informação intermédia que pode ajudar a manter a ideia de uma certa estabilidade ao longo do tempo.

Ptolomeu, compilador de uma tradição geográfica, enumera um conjunto de lugares que define como célticos da Lusitânia, entre os quais se incluem alguns cuja localização é relativamente segura. Na área pertinente à escrita do Sudoeste, apenas é possível identificar com segurança o topónimo *Arandis*,<sup>39</sup>

---

36 Especificamente sobre estes v. de Hoz 2010, 315-316. Sobre a fiabilidade da informação deste autor v. de Hoz 2010, 239-241.

37 Os textos dizem, respectivamente: “Os celtas vivem para lá das Colunas de Hércules, sendo vizinhos dos Cinésios, os mais ocidentais de todos os povos que habitam a Europa”; “/.../ os celtas que, à excepção dos Cinetes, são o povo mais ocidental da Europa /.../”.

38 Uma das primeiras observações neste sentido pode encontrar-se em Correa 1990, 138 e sublinha-se, de forma ainda mais clara, em Correa 2005, 302.

39 Não se conhece a sua localização precisa, embora seja possível situá-la algures no espaço dos concelhos de Ourique ou Castro Verde.

e eventualmente, *Laccobriga*,<sup>40</sup> o mais meridional, junto à costa, na parte ocidental do Algarve. Tradicionalmente esta última identificou-se com Lagos, mas a ausência de materiais pré-romanos nesta cidade alimentou a ideia da sua correspondência, pelo menos num momento inicial, com o sítio próximo de Monte Molião. Este último corresponde a um estabelecimento litoral, que apresenta vestígios de uma matriz “púnico-gaditana” a partir do séc. IV a. C. (Arruda *et al.* 2011), em fase posterior ao fim das estelas. Em nenhum destes locais, porém, se identificaram vestígios da escrita do Sudoeste. Estes ocorrem apenas nas proximidades, especialmente na Fonte Velha de Bensafirim. Aí se recolheu um significativo conjunto de estelas (J.1.1 a J.1.6), que apresenta a particularidade de se tratar de um dos que se situa mais a ocidente e mais próximo do litoral.

Tanto os dados arqueológicos como a informação das fontes parecem denotar uma afinidade cultural entre essa área do extremo ocidental do Algarve, onde as estelas se encontram bem representadas, com o restante território onde se desenvolveu a escrita do Sudoeste. Ao contrário, não se registam nessa área do extremo Sudoeste, elementos significativos da cultura material que se possam relacionar com o mundo tartéssico ou com a sua vertente regional, que, como se viu, se deveria identificar com os Cónios.

Por tudo isto, parecem-me muito consistentes os elementos que relacionam esta fácies da cultura material especialmente desenvolvida nos territórios da escrita do Sudoeste com o mundo céltico. Os dados arqueológicos, como se viu, são também bastante claros no sentido de afastar uma correspondência entre o fenómeno das estelas epigrafadas e mundo dos Cónios ou de qualquer outra cultura de claro cariz “orientalizante”. Creio que a proposta de J. Ferrer i Jané relativa à individualização de uma escrita turdetana, transmissora de uma língua a que habitualmente se dá o mesmo nome (Ferrer i Jané 2020, 970; 2021, 90), parece-me mais um argumento a reforçar a perspectiva defendida neste contributo.

Apesar de prevalecer mais recentemente a ideia contrária, é certo que esta hipótese de se tratar de uma língua indo-europeia (céltica, em particular) – ou sua relação cultural com povos que aparecem em determinado momento designados como Célticos – tem uma longa tradição,<sup>41</sup> e, por isso, estas consi-

40 Sobre as hesitações a respeito da natureza do primeiro elemento deste nome, com uma segunda componente céltica, v. Correa 2021, 367, nota 25.

41 A ideia de que se trata de uma língua céltica ou, mais genericamente, indo-europeia, ocorre já em Wikander 1966 e, de forma bastante cautelosa, em Tovar 1969, 343-344, mas

derações podem ter pouco de surpreendente. Creio, todavia, que nunca foram explorados todos os aspectos aqui invocados, especialmente na interpretação da sua componente arqueológica e cultural.

Importa, apesar disso, sublinhar fortemente uma outra ideia. Estas ilações não podem sustentar, por si só, as interpretações linguísticas que, tomando como base o pressuposto de que a escrita do Sudoeste transmite uma língua céltica, se pode interpretar nessa chave. Não me parece correcto, metodologicamente, ensaiar, nas actuais circunstâncias, a tradução quase integral dos seus textos com recurso a outras línguas supostamente afins.

Não podem ser subestimados, para além disso, os sérios problemas que se levantam à própria transcrição dos textos epigráficos: o estado fragmentário da maioria dos monumentos, a existência de um número considerável de signos de valor problemático, a ausência de separadores de palavras e, naturalmente, o problema da verdadeira natureza dessa língua.

Espero, enfim, que estas observações possam servir para repensar algumas questões e, ao mesmo tempo, para se poder avançar algo na compreensão destes textos epigráficos.

---

também em outros autores, quase sempre baseada em elementos isolados, quer fossem relativos à onomástica pré-romana, quer correspondentes a particularidades flexionais características: Correa 1981, 207-209; 1985, 291-293, 1989, esp. 251; 1990, 138-139; 1992, 98-102; Correa e Guerra 2019, 133; Untermann 1997, 165-168, e, de certo modo, Correia 2014, 84. Todavia, foi Koch (2009; 2011; 2013; 2014; 2019) que levou mais longe esta ideia, propondo traduzir as inscrições com base numa determinada leitura dos textos e na comparação com as línguas célticas. Mais recentemente também Kaufmann (2015) seguiu esta mesma linha de pensamento. Uma crítica à perspectiva destes autores pode encontrar-se especialmente em Eska 2014; Prósper 2014; Valério 2014; Luján 2020, 563-564, 570-571.



| R E F E R Ê N C I A S |

- Alarcão 1993-1994: J. de Alarcão, “A Arqueologia e o Tempo”, *Conimbriga* 32-33, 1993-1994, 9-56.
- Alarcão 1996: J. de Alarcão, “Os círculos culturais da Idade do Ferro no Sul de Portugal”, em: F. Villar e J. d’Encarnação (eds.), *VI CLCP*, Salamanca 1994, 19-36.
- Alarcão 2001: J. de Alarcão, “Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)”, *RPA* 4(2), 2001, 293-349.
- Almagro-Gorbea 2004: M. Almagro-Gorbea, “Inscripciones y grafitos tartésicos de la necrópolis orientalizante de Medellín”, *PalHisp* 4, 2004, 13-44.
- Almagro-Gorbea 2008: M. Almagro-Gorbea, “Medellín-Conisturgis: Reinterpretación geográfica del Suroeste de Iberia”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 126 (1-12), 2008, 84-115.
- Arruda 2001: A. M. Arruda, “A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo”, *RPA* 4(2), 2001, 207-291.
- Arruda 2005: A. M. Arruda, “O Iº Milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século”, *O Arqueólogo Português* IV, 23, 2005, 9-156.
- Arruda 2007a: A. M. Arruda, *Laccobriga, a ocupação romana na Baía de Lagos*. Lagos.
- Arruda 2007b: A. M. Arruda, “A Idade do Ferro do Sul de Portugal. Estado da investigação”, *Madri der Mitteilungen* 42, 2007, 114-139.
- Arruda 2008: A. M. Arruda, “O Baixo Guadiana durante os séculos VI e V a. n. e.”, em: Jiménez Avila (ed.), *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época postorientalizante*, Madrid 2008, 307-325.
- Arruda e Cardoso 2015: A. M. Arruda e J. L. Cardoso, “A necrópole da Idade do Ferro do Vale da Palha (Calhariz, Sesimbra)”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 22, 2015, 301-314.
- Arruda, Covaneiro e Cavaco 2008: A. M. Arruda, J. Covaneiro, S. Cavaco, “A necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça, Tavira”, *Xelb* 8, 2008, 141-159.
- Arruda *et al.* 2011: A. M. Arruda, E. Sousa, C. Pereira e P. Lourenço, “Monte Molião: um sítio púnico-gaditano no Algarve (Portugal)”, *Conimbriga* 50, 2011, 5-32.
- Arruda *et al.* 2017a: A. M. Arruda, R. Barbosa, F. B. Gomes e E. de Sousa, “La necrópole de Vinha das Calças 4 (Trigaches, Beja, Portugal) et le monde funéraire de l’Âge du Fer à l’intérieur sud du Portugal”, em: S. Adroit e R. Graells (eds.), *Architectures funéraires et mémoire: la gestion des nécropoles en Europe occidentale (Xe-IIIe siècles av. J.-C.)*, Venosa 2017, 95-107.
- Arruda *et al.* 2017b: A. M. Arruda, R. Barbosa, F. B. Gomes e E. de Sousa, “A necrópole da Vinha das Calças (Beja, Portugal)”, em: J. Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2017, 187-225.
- Bargão e Fernandes 2016: P. Bargão e D. Fernandes, “A necrópole de Pisões (Beja)”, em: J. Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana III: El río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2016, 407-419.
- Barros 2008: P. Barros, “Mértola durante os séculos VI e V a.C.”, em: J. Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana I: El río Guadiana en Época Post-Orientalizante*. Madrid 2008, 399-414.
- Barros 2013: P. Barros, “Mértola, plataforma comercial durante a Idade do Ferro. A coleção de Estácio da Veiga”, em: A. M. Arruda (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar II*, Lisboa 2013, 688-697.

- Barros *et al.* 2005: P. Barros, G. Branco, C. Duarte e J. Correia, “A cista dos Gregórios (Silves)”, *Xelb* 5, 2005, 41-52.
- Barros, Melro e Gonçalves 2013: P. Barros, S. Melro e D. Gonçalves, “A necrópole da Idade do Ferro da Abóbada (Almodóvar)”, em: J. Jiménez Ávila, M. Bustamante Álvarez, M. García Cabezas (eds.), *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Villafranca de los Barrios 2013, 1157-1178.
- Beirão 1986: C. de M. Beirão, *Une civilisation protohistorique du Sud du Portugal (Ier Âge du Fer)*, Paris 1986.
- Beirão 1990: C. de M. Beirão, “Novos dados arqueológicos sobre a epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica”, em: F. Villar e J. Untermann (eds.), *V CLCP*, Salamanca 1990, 683-696.
- Beirão e Correia 1990: C. de M. Beirão e V. H. Correia, “Novos dados arqueológicos sobre a área de Fernão Vaz”, em: J. Mangas e J. Alvar (eds.), *Homenaje a José M.ª Blázquez, I*, Madrid 1990, 285-302.
- Beirão e Correia 1991: C. de M. Beirão e V. H. Correia, “A cronologia do povoado de Fernão Vaz”. *Conimbriga* 30, 5-11.
- Beltrán Lloris 1973-1974: M. Beltrán Lloris, “Nuevos elementos para el conocimiento de las escrituras antiguas del S. W. peninsular: la estela de Siruela (Badajoz)”, *Caesaraugusta* 37-38, 1973-1974, 125-139.
- Berrocal Rangel 1987: L. Berrocal Rangel, “La losa de Capote”, *AEspA* 60, 1987, 61-73.
- Calvo Rodríguez e Simão 2016: E. Calvo Rodríguez e P. Simão, “La sepultura 38 de Quinta do Castelo (Salvada, Beja). Nota preliminar”, em: J. Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana III: El río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2016, 399-405.
- Cardoso e Gradim 2006: J. L. Cardoso e A. Gradim, “A necrópole da Idade do Ferro de Cabeço da Vaca (Alcoutim)”, *Xelb* 6, 2006, 203-226.
- Cardoso e Gradim 2008a: J. L. Cardoso e A. Gradim, “O núcleo II da necrópole da Idade do Ferro de Cabeço de Vaca (Alcoutim)”, *Xelb* 8, 2008, 103-115.
- Catarino 2002: H. Catarino, “Castelos e território omíada na *kura* de Osonoba”, em: *Mil anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*, Lisboa 2002, 29-44.
- Cenáculo 1791: M. do Cenáculo, *Cuidados literários do prelado de Beja em graça do seu bispado*, Lisboa 1791.
- Correa 1978: J. A. Correa Rodríguez, “Inscripción tartesia hallada en Villamanrique de la Condesa (Sevilla)”, *Habis* 9, 1978, 207-214.
- Correa 1981: J. A. Correa Rodríguez, “Nota a la inscripción tartesia GM II”, *AEspA* 54, 1981, 203-209.
- Correa 1985: J. A. Correa Rodríguez, “Consideraciones sobre las inscripciones tartesias”, em: *III CLCP (Lisboa 1980)*, Salamanca 1985, 377-395.
- Correa 1989: J. A. Correa Rodríguez, “Posibles antropónimos en escritura del SO. (o tartesia)”, *Veleia* 6, 243-252.
- Correa 1990: J. A. Correa Rodríguez, “La epigrafía del Suroeste”, *Arqueologia Hoje* 1, 1990, 132-145.
- Correa 1992: J. A. Correa Rodríguez, “La epigrafía tartesia”, em: D. Hertel e J. Untermann (eds.), *Andalusien zwischen Vorgeschichte und Mittelalter*, Köln-Weimar-Wien 1992, 75-114.
- Correa 2005: J. A. Correa Rodríguez, “Escritura tartesia”, em: G. Carrasco Serrano, J. C. Oliva Mompeán, *Escrituras y lenguas del Mediterráneo en la antigüedad*, Toledo 2005, 289-305.

- Correa 2009: J. A. Correa Rodríguez, “Identidad, cultura y territorio en la Andalucía prerromana a través de la lengua y la epigrafía”, em: F. Wulff Alonso e M. Álvarez Martí-Aguilar (eds.), *Identidades, culturas y territorios en la Andalucía prerromana*, Málaga-Sevilla 2009, 273-296
- Correa 2021: J. A. Correa Rodríguez, “Consideraciones sobre tres topónimos prerromanos del sur de Portugal”, *PalHisp* 21, 2021, 353-368.
- Correa e Guerra 2019: J. A. Correa e A. Guerra, “The Epigraphic and Linguistic Situation in the South-west of the Iberian Peninsula”, em: A. G. Sinner y J. Velaza (eds.), *Palaeohispanic Languages and Epigraphies*, Oxford 2019, 109-137.
- Correia 1990: V. H. Correia, “A expansão orientalizante na fachada atlântica peninsular: dados conhecidos e perspectivas”, *TrabAntrEtn* 30(1-4), 1990, 177-192.
- Correia 1993: V. H. Correia, “As necrópoles da Idade do Ferro do Sul de Portugal: arquitectura e rituais”, *TrabAntrEtn* 33 (3-4), 1993, 351-370.
- Correia 1995-1997: V. H. Correia, “A epigrafia pré-latina de Bensafrim”, *O Arqueólogo Português* IV 13-15, 1995-1997, 181-209.
- Correia 1996: V. H. Correia, *A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*, Porto 1996.
- Correia 1997: V. H. Correia, “Um modelo historiográfico para a Idade do Ferro do Sul de Portugal e a sua arqueologia”, *TrabAntrEtn* 37 (3-4), 1997, 41-85.
- Correia 2007: V. H. Correia, “Fernão Vaz: Um caso de estudo da paisagem rural do Sudoeste no período orientalizante”, em: A. Rodríguez Díaz e I. Pavón Soldevilla (eds.), *Arqueología de la Tierra. Paisajes rurales de la protohistoria peninsular*, Cáceres 2007, 181-194.
- Correia 2014: V. H. Correia, “A escrita do Sudoeste da Península Ibérica: velhos dados, novas teorias e a sua importância para o estudo das antigas culturas hispânicas”, *Portugália* 35, 2014, 77-93.
- Costa 1967: J. M. da Costa, “O tesouro fenício ou cartaginês do Gaio (Sines)”, *Ethnos* 5, 1967, 529-537.
- Costa *et al.* 2019: M. Costa, A. M. Arruda, R. Barbosa, P. Barrulas, P. Vandenabeele e J. Mirão, “A Micro-Analytical Study of the Scarabs of the Necropolis of Vinha das Caliças (Portugal)”, *Microscopy and Microanalysis* 25(1), 2019, 214-220.
- Costa *et al.* 2021: M. Costa, A. M. Arruda, L. Dias, R. Barbosa, P. Barrulas, P. Vandenabeele e J. Mirão, “An insight into the provenance of the Phoenician-Punic glass beads of the necropolis of Vinha das Caliças (Beja, Portugal)”, *Archaeological and Anthropological Sciences* 13, 149 <https://doi.org/10.1007/s12520-021-01390-5>
- Covaneiro, Cavaco e Freitas 2012-2013: J. Covaneiro, S. Cavaco e V. T. de Freitas, “Materiais cerâmicos pré-romanos provenientes do sítio da Bela Fria (Tavira)”, *Promontoria* 10, 2012-2013, 195-216.
- Dias, Beirão e Coelho 1970: M. M. A. Dias, C. de M. Beirão e L. Coelho, “Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo-Alentejo: Ourique. (Notícia preliminar)”, *APort* III 4, 1970, 175-219.
- Dias e Coelho 1971: M. M. A. Dias e L. Coelho, “Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóboda - Almodôvar (primeira notícia)”, *APort* III série: 5, 1971, 181-190.
- Dias e Coelho 1983: M. M. A. Dias e L. Coelho, “Objectos arqueológicos de um túmulo de incineração da necrópole proto-histórica da herdade da Favela Nova (Ourique)”, *APort* IV 1, 1983, 197-205.

- Deus e Correia 2005: M. de Deus e J. Correia, “Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo”, em: S. Celestino Pérez e J. Jiménez Ávila (eds.), *El Periodo Orientalizante*, Madrid, 615-618.
- Domínguez, González e de Hoz 2005: M. C. Domínguez de la Concha, J. M. González Bornay e J. de Hoz, *Catálogo de estelas decoradas del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz*, Badajoz 2005.
- Eska 2014: J. Eska, “Comments on John T. Koch’s Tartessian-as-Celtic Enterprise”, *Journal of Indo-European Studies* 42(3-4), 2014, 428-438.
- Ferrer 2020: J. Ferrer i Jané, “Las escrituras epicóricas de la Península Ibérica”, *PalHisp* 20, 2020, 969-1016.
- Ferrer 2021: J. Ferrer i Jané, “La escritura turdetana en el contexto de las escrituras paleohispánicas”, em: N. Moncunill Marti, M. Ramírez Sánchez (eds.), *Aprender la escritura, olvidar la escritura: nuevas perspectivas sobre la historia de la escritura en el occidente romano*, Vitoria-Gasteiz, 2021, 67-94.
- Figueiredo e Mataloto 2017: M. Figueiredo e R. Mataloto, “Necrópoles rurais sidéricas do Baixo Alentejo setentrional: sociedade e mundo funerário nos Barros de Beja”, em: J. Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2017, 353-398.
- Formosinho 1935: J. Formosinho, “Duas lápides inéditas”, *Costa de Oiro* 4, 1935, 11-12.
- Gomes 2012, F. B. Gomes, *Aspectos do sagrado na colonização fenícia*, Lisboa.
- Gomes 2014-2015: F. B. Gomes, “O mundo funerário da I Idade do Ferro no Sul do actual território português: notas para uma síntese”, *AHist* 66-67, 2014-2015, 47-62.
- Gomes 2016: F. B. Gomes, *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): uma leitura a partir do registo funerário*. Lisboa 2016. (Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa).
- Gomes 2016-2017: F. B. Gomes, “A evolução dos rituais funerários da Idade do Ferro no Ocidente Peninsular: uma nova proposta de faseamento para a necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)”, *O Arqueólogo Português* V 6-7, 2016-2017, 15-57.
- Gomes 2018: F. B. Gomes, “Revisiting and Early Iron Age Funerary Horizon ‘Cruz del Negro’ Type Urn Burials in Southern Portugal and Their Significance”, *Madrider Mitteilungen* 59, 2018, 182-207.
- Gomes 2021a: F. B. Gomes, “Reflexões sobre escrita, identidade(s) e memória(s) na I Idade do Ferro do Sul de Portugal”, *PalHisp* 21, 2021, 85-125.
- Gomes 2021b: F. B. Gomes, “El vidrio prerromano en el Algarve (Portugal): el conjunto de la tumba de Corte de Père Jacques (Aljezur) en su contexto regional”, *Onoba* 2021, 9, 93-108.
- Gomes 2022: F. B. Gomes, “A necrópole do Cerro do Ouro (Ourique): reflexões sobre os enterramentos em urna nas necrópoles tumulares do Baixo Alentejo”, *Ophiussa* 6, 2022, 85-103.
- Gomes, Sousa e Arruda 2023: F. B. Gomes, E. de Sousa e A. M. Arruda. “Changing Perspectives on the Phoenician Presence in the Mediterranean: Past, Present, and Future”, em: *Images, Perceptions and Productions in and of Antiquity*, Cambridge 2023, 99-201.
- Gomes 1990: M. V. Gomes, “O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-história do Sul de Portugal: smiting gods ou deuses ameaçadores”, *Estudos Orientais* 1, 1990, 53-106.
- Gomes 1992: M. V. Gomes, “Proto-História do Sul de Portugal”, em: A. C. F. da Silva e M. V. Gomes (eds.), *Proto-História de Portugal*, Lisboa 1992, 99-202.

- Gomes 2018: M. V. Gomes, “A epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular. A sua investigação durante o século XX”, *Al-Ulya* 20, 2018, 25-60.
- Guerra 1998: A. Guerra, *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular*, Lisboa 1998 (tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, inédita).
- Guerra 2009, A. Guerra, “Novidades no âmbito da epigrafia pré-romana do Sudoeste hispânico” *PalHisp* 9, 2009, 323-338.
- Guerra, Barros e Cortes 2021: A. Guerra, R. Barros, R. Cortes, “O Projecto ESTELA e os seus mais recentes resultados”. *PalHisp* 21, 2021, 127-148.
- Hernández 1972: F. Hernández Hernández, “Inscripción ibérica hallada en Cañamero (Cáceres)”, *Trabajos de Prehistoria* 29, 1972, 295-297.
- de Hoz 2010: J. de Hoz Bravo, *Historia lingüística de la Península Ibérica. I. Preliminares y mundo meridional prerromano*, Madrid 2010.
- Jiménez Ávila 2002-2003: J. Jiménez Ávila, “Estructuras tumulares en el Suroeste ibérico. En torno al fenómeno tumular en la Protohistoria peninsular”, *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología* 42, 2002-2003, 81-118.
- Jiménez Ávila 2021: J. Jiménez Ávila, “El contexto arqueológico de la escritura paleohispánica del Suroeste peninsular”, *PalHisp* 21, 2021, 149-188.
- Jordán Cólera 2024: C. Jordán Cólera, *El legado escrito de los pueblos paleohispánicos (Tartessos, Iberos, Celtíberos, Vascones, Lusitanos...)*, Zaragoza 2024.
- Kaufman 2015: T. Kaufman, *Notes on the Decipherment of Tartessian as Celtic*, Washington 2015.
- Koch 2009: J. T. Koch, “A Case for Tartessian as a Celtic Language”, *PalHisp* 9, 2009, 339-351.
- Koch 2011: J. T. Koch, *Tartessian 2: The Inscription of Mesas do Castelhinho, ro and the Verbal Complex, Preliminaries to Historical Phonology*, Aberystwyth 2011.
- Koch 2013: J. T. Koch, *Tartessian. Celtic in the South-west at the Dawn of History*, Aberystwyth 2013.
- Koch 2014: J. T. Koch, “A decipherment interrupted: proceeding from Valério, Eska, and Prósper”, *Journal of Indo-European Studies* 42, 2014, 487-524.
- Koch 2019: J. T. Koch, *Common Ground and Progress on the Celtic Interpretation of the SouthWestern (S.-W.) Inscriptions*, Aberystwyth 2019.
- Lončarić et al. 2024: V. Lončarić, A. M. Arruda, P. Barrulas e M. Costa, “An Archaeometric Analysis of Black-Appearing Iron Age Glass Beads from Vinha das Calças 4 (Portugal)”, *Heritage* 7(3), 2024, 1265-1297.
- Luján 2020: E. Luján, “El Sudoeste de la Península Ibérica”, *PalHisp* 20, 2020, 561-589.
- Maia 1987: M. G. P. Maia, “Dois larnakes da Idade do Ferro do Sul de Portugal”, em: *IV CLCP* (= *Veleia* 2-3), 1986, 223-242.
- Maia 1988: M. G. P. Maia, “Neves II e a facies cultural de Neves Corvo”, *Arquivo de Beja* II 3, 23-42.
- Maia 2003: M. G. P. Maia, “Fenícios em Tavira”, em: *Tavira: Território e Poder*, Lisboa 2003, 57-72.
- Maia 2008: M.G.P. Maia “Reflexões sobre os complexos arquitectónicos de Neves-Corvo, na região central do Baixo Alentejo, em Portugal”, em: J. Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana I. El rio Guadiana en época post-orientalizante*, Mérida 2008, 353-364.
- Maia 1986: M. Maia, “Algumas reflexões em torno da cultura do Sudoeste”, em: *IV CLCP* (= *Veleia* 2-3), Vitoria/Gasteiz 1986, 433-445.

- Maia e Correa 1985: M. G. P. Maia y J. A. Correa, “Inscripción en escritura tartesia (o del SO.) hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico”, *Habis* 16, 1985, 243-274.
- Martín Bravo 1999: A. M. Martín Bravo, *Los orígenes de Lusitania. El I milenio a.C. en la Alta Extremadura*, Madrid 1999.
- Melo *et al.* 2022: Melo, L., Silva, A. M., Soares, R. M.; Dias G. “Os enterramentos da necrópole da I Idade do Ferro do Esfolá (Beja, Alentejo, Portugal)”, em; Jiménez Ávila J., Bustamante, M., Heras Mora, J. eds., *Actas del X Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Zafra 2022, 838-865.
- Melro *et al.* 2009: S. Melro, P. Barros, A. Guerra, C. Fabião, “O projecto «Estela»: primeiros resultados e perspectivas”, *PalHisp* 9, 2009, 353-359.
- Miguel *et al.* 2019: L. Miguel, P. Albuquerque, L. S. Evangelista e M. Lourenço, “Trabalhos arqueológicos na necrópole sidérica de Mértola: resultado preliminar das sondagens diagnóstico”, *Apontamentos de Arqueologia e Património* 13, 2019, 41-46.
- Oliveira 2007: C. F. P. P. de Oliveira, *A cerâmica manual do Castelo de Castro Marim: século IX a III a.n.e.* Lisboa 2007 (tese de mestrado, Universidade de Lisboa).
- Paniego Díaz 2022: P. Paniego Díaz: “¿Quién es quién? Celtas, lusitanos, conios y otros pueblos del Suroeste durante la Edad del Hierro”, *Latomus* 81, 2022, 599-626.
- Pastor González e Rubio Andrada 2003: V. Pastor González e M. Rubio Andrada, “Monumento funerario megalítico de la Barca, Valdecaballero (Badajoz) los grabados y la inscripción del SW”, em: *XXXI Coloquios Históricos de Extremadura*, Trujillo 2003, 389-428.
- Pereira, A. 2018: A. R. M. Pereira, *A salvaguarda do património arqueológico nos instrumentos de gestão territorial e regulamentos municipais do Algarve: dois estudos de caso.* Lisboa 2018 (relatório de estágio, Universidade de Lisboa).
- Pereira, C. 2014: C. Pereira, *As necrópoles romanas do Algarve: acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia.* Lisboa (Universidade de Lisboa, tese de doutoramento inédita) 2014.
- Pereiro, Mataloto e Borges 2017: T. do Pereiro, R. Mataloto e N. Borges, “Alentejo, a Sul de Beja: a necrópole sidérica da Quinta do Estácio 6”, em: J. Jiménez Ávila (coord.), *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2017, 303-331.
- Polo e Valenciano 2011: J. Polo e M. J. Valenciano, *Tholos del Cerro de la Barca*, Mérida 2011.
- Prósper 2014: B. Prósper, “Some Observations on the Classification of Tartessian as a Celtic Language”, *Journal of Indo-European Studies* 42, 2014, 468-486.
- Rego, Guerrero e Gomez1996: M. Rego, O. Guerrero e F. Gómez, “Mértola: una ciudad mediterranea en el contexto de la Edad dei Hierro en el Bajo Guadiana”, em: *Actas de las I Jornadas transfronterizas sobre la contienda hispano-portuguesa*, Aroche 1996, 9-132.
- Rocha 1896: A. dos Santos Rocha, “A necrópole protohistórica da Fonte Velha, em Bensafrim, no concelho de Lagos”, *Revista de Ciencias Naturaes e Sociais* 4, 1896, 129-145.
- Salvador Mateos e Pereira 2016: R. Salvador Mateos e J. A. Pereira, “A paisagem funerária a oeste de Beja no Período Orientalizante: as necrópoles da Carlota (S. Brissos) e Cinco Reis 8 (Santiago Maior)”, em: J. Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana III: El río Guaduana y Tartessos*, Mérida 2016, 333-352.
- Santos *et al.* 2009: F. Santos, A. S. Antunes, C. Grilo e M. de Deus, “A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo-Alentejo”, em: *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Huelva 2009, 746-804.
- Schmoll 1961: U. Schmoll, *Die sudlusitanischen Inschriften*, Wiesbaden 1961.

- Schulten 1922: A. Schulten, *Fontes Hispaniae Antiquae, I. Avieno, Ora maritima*, Barcelona - Berlin, 1922.
- Soares *et al.* 2016: R. M. Soares, L. Baptista, R. Pinheiro, L. Oliveira, Z. Rodrigues, N. Vale, “A necrópole da Idade do Ferro do Monte do Bolor 1-2 (S. Brissos, Beja), em: J. Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana III: El río Guaduana y Tartessos*, Mérida 2016, 263-301.
- Tovar 1969: A. Tovar, “El oscuro problema de la lengua de los tartesios”, em: *Tartessos y sus problemas: V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular*, Barcelona 1969, 341-346.
- Untermann 1997: J. Untermann, *Monumenta Linguarum Hispanicarum, IV: Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden 1997.
- Valério 2014: M. Valério, “The Interpretative Limits of the Southwestern Script”, *Journal of Indo-European Studies* 42, 2014, 439-467.
- Valério 2016: M. Valério, “Reflexões sobre a origem e formação da escrita paleo-hispânica do Sudoeste e o seu lugar na história dos sistemas de escrita”, *Palhisp* 16, 2016, 115-151.
- Vasconcelos 1899-1900: J. L. de Vasconcelos, “Novas inscrições ibéricas do Sul de Portugal: 2. Inscrição de Salir”, *APort I* 5, 1899-1900, 40-42.
- Vasconcelos 1927-1929: J. L. de Vasconcelos, “Novas inscrições ibéricas do Sul de Portugal”, *APort I*, 1927-1928, 205-208.
- Vasconcelos 1930-1931: J. L. de Vasconcelos, “Os Cónios”, *APort I* 29, 1930-1931, 168-170.
- Veiga 1891: S. Ph. M. Estácio da Veiga, *Antiguidades monumentais do Algarve*, Lisboa 1891.
- Viana, Formosinho e Ferreira 1953: A. Viana, J. Formosinho e O. da V. Ferreira, “De lo prerromano a lo árabe en el museo regional de Lagos”, *AEspA* 26, 1953, 113-138.
- Wikander 1966: S. Wikander, “Sur la langue des inscriptions sud-hispaniques”, *Studia linguistica* 20, 1966, 1-8.

